



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DA INCLUSÃO
ESCOLAR**

ANDRÉIA PIRES DA COSTA

BRASÍLIA/2011

ANDRÉIA PIRES DA COSTA

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DA INCLUSÃO
ESCOLAR**

Monografia apresentada para fins de conclusão do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB.

Orientadora: Prof. Dra. Mirian Barbosa Tavares Raposo.

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDRÉIA PIRES DA COSTA

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DA INCLUSÃO ESCOLAR

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em ___/___/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

PROF. DRA. MÍRIAN BARBOSA TAVARES RAPOSO

PROF. DRA. DIVA ALBUQUERQUE MACIEL

Discente:

ANDRÉIA PIRES DA COSTA

BRASÍLIA/2011

Aos alunos portadores de necessidades especiais que fizeram parte da minha vida profissional até o presente momento e a todos os professores que se preocupam e dedicam suas vidas para a construção de uma educação melhor, elaborada principalmente através do afeto e do amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu grande amigo e companheiro fiel durante toda esta jornada, por ter colocado em meu caminho a oportunidade única de realizar este curso.

Ao meu pai por sua firmeza e preocupação, à minha mãe pelas orações e incentivos constantes, ao meu irmão pelo carinho em me ajudar nas minhas dificuldades, à minha amiga Sheyla por permanecer sempre ao meu lado, aos meus familiares por compreenderem meu distanciamento para dedicar-me a este trabalho.

À escola e às professoras que me receberam de portas abertas e contribuíram abundantemente para a construção dos dados desta pesquisa.

Aos professores desta especialização que dividiram conosco seus conhecimentos e ajudaram-me a aprender muito, em particular à minha orientadora Prof. Dra. Mirian Barbosa Tavares Raposo, por toda competência, dedicação e principalmente pela paciência com que sempre me atendeu.

RESUMO

Este trabalho apresenta elementos para o estudo da relação existente entre a afetividade e a inclusão escolar. O objetivo principal é compreender como a afetividade está sendo trabalhada nas escolas e qual a sua importância no processo de inclusão escolar. Tem como abordagem teórica principal as teorias e estudos de Piaget, Vygotsky e Wallon. Utiliza como dados de pesquisa os resultados alcançados através de duas entrevistas realizadas em uma escola inclusiva de educação infantil. Analisa, para tanto, diversas questões, como interações entre aluno e equipe escolar, construção de um ambiente afetivo e formação contínua dos professores. Através da pesquisa pôde-se identificar a relação intrínseca que ocorre entre a afetividade e a aprendizagem significativa. Compreendeu-se que a mente humana não é formada apenas por uma dimensão cognitiva, mas fundamentalmente pela dimensão afetiva, e que a inclusão escolar só pode ocorrer através da afetividade, elemento crucial na formação de pessoas seguras e capazes de resolver conflitos de qualquer natureza.

Palavras-chave: afetividade, desenvolvimento humano, inclusão e formação de professores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
CAPÍTULO 1: COMPREENDENDO AS RELAÇÕES ENTRE DESENVOLVIMENTO HUMANO, AFETIVIDADE E INCLUSÃO ESCOLAR.	10
1.1 O DESENVOLVIMENTO HUMANO: DIFERENTES CONCEPÇÕES	10
1.1.1 Na visão de Piaget	10
1.1.2 Na visão de Vygotsky	12
1.1.3 Na visão de Wallon	13
1.2 COGNITIVO E AFETIVIDADE	15
1.3 AFETIVIDADE: CONCEPÇÕES E IMPORTÂNCIA	16
1.4 INCLUSÃO ESCOLAR	18
1.5 AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	20
1.6 O PROFESSOR E A AFETIVIDADE	22
CAPÍTULO 2: OBJETIVOS	24
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	25
3.1 CONTEXTO DA PESQUISA	25
3.2 PARTICIPANTES	26
3.3 INSTRUMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES	27
3.4 ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	28
CAPÍTULO 4: RESULTADOS	30

CAPÍTULO 5: ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	35
5.1 INTERAÇÕES ENTRE ALUNO E EQUIPE ESCOLAR	35
5.2 CONSTRUÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR AFETIVO	36
5.3 FORMAÇÃO CONTÍNUA DOS PROFESSORES	37
CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS	46

APRESENTAÇÃO

Esse estudo trata da importância da afetividade no processo de inclusão escolar. O interesse por este tema surgiu de uma necessidade pessoal que me acompanhou durante os primeiros anos escolares. Muito tímida e sensível, muitas vezes ficava aos prantos ao perceber a rispidez dos professores e da direção da escola comigo ou com os colegas de sala. Tal comportamento por parte dos professores inibia a expressão da minha personalidade e, por diversas vezes, me desmotivava a ir à escola ou, ainda pior, me reprimia para expor dúvidas ou dificuldades, por medo de ser censurada ou de levar uma bronca eu nunca participava verbalmente das aulas.

Essa realidade mudou quando, lá pela segunda ou terceira série, conheci uma professora carinhosa, dedicada e que nunca alterava o tom de voz. Tê-la como professora me fez enxergar que a escola não era uma “prisão” e que nem todos os professores eram ríspidos.

Por esse motivo, durante os oito anos como professora, sempre encarei a afetividade como um mecanismo indispensável na construção da aprendizagem, uma vez que é responsável por criar vínculos imprescindíveis na produção do saber pelos alunos. Penso que no processo de inclusão ela se torna ainda mais importante, visto que todo o grupo lida com o desconhecido e precisa sentir-se amparado.

Para compreender melhor a importância da afetividade, uma das leituras fundamentais foi de Henri Wallon (1968), na qual um dos conceitos centrais postulados pelo autor é que o desenvolvimento humano está ligado a três dimensões inseparáveis: o cognitivo, o afetivo e o psicomotor. Daí o caráter fundamental de todas essas dimensões para o desenvolvimento da criança. Para este autor, a afetividade é um processo corporal que leva a consciência a voltar-se para as alterações intero e proprioceptivas que acompanham e prejudicam a percepção do exterior.

Penso que esta concepção não concebe uma escola focada em conteúdos que objetivam, exclusivamente, o desenvolvimento cognitivo dos alunos, mas sim uma educação direcionada para os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores da personalidade.

Com esta compreensão e tendo em vista que, para acontecer a inclusão, a escola precisa expandir seus limites para além dos seus muros, formulamos algumas questões: Como o aluno especial se sente ao chegar pela primeira vez na escola? Como ele administra seus

conflitos e as sensações de medo, vergonha, prazer ou amor? O que as escolas têm feito para atender os alunos nestas questões? Como os professores encaram a afetividade dentro da escola como um todo e no processo de inclusão escolar?

A partir dessas questões, tem-se como problemática principal compreender como a afetividade está sendo - se está sendo - trabalhada nas escolas e qual a sua importância no processo de inclusão escolar.

Para isso, organizamos esse estudo, dividindo-o em seis capítulos. No primeiro deles, apresentamos nossos referenciais teóricos que discutem a respeito da afetividade (concepções e importância); do desenvolvimento humano nas visões de Piaget, Vygotsky e Wallon; do cognitivo e a afetividade; da inclusão escolar; da afetividade no contexto escolar e do professor e a afetividade.

No segundo capítulo, apresentamos os objetivos de nosso estudo, referenciais maiores para todos os demais capítulos. Em seguida, no terceiro capítulo, apresentamos os caminhos metodológicos utilizados para o alcance desses objetivos, os quais se baseiam numa perspectiva qualitativa. O instrumento escolhido para o levantamento de dados foi a entrevista.

O quarto capítulo apresenta nossos resultados, construídos a partir da transcrição literal das entrevistas realizadas e do retorno e análise aos objetivos apresentados.

A discussão teórica desses resultados apresenta-se no quinto capítulo do nosso estudo e representa nossa maior contribuição. De acordo com nossa análise, foram levantadas três categorias: interações entre aluno e equipe escolar, construção do ambiente afetivo e formação contínua do professor. Essas categorias foram divididas e analisadas em subcapítulos.

Por fim, no sexto capítulo, apresentamos nossas considerações finais, que indicam nossas conclusões a respeito da pesquisa e nossas sugestões para futuros trabalhos.

CAPÍTULO 1:

COMPREENDENDO AS RELAÇÕES ENTRE DESENVOLVIMENTO HUMANO, AFETIVIDADE E INCLUSÃO ESCOLAR

Iniciaremos este capítulo buscando as visões de Piaget, Vygotsky e Wallon a respeito do desenvolvimento humano. Considero este estudo importante, pois visa uma análise do homem em sua totalidade, dos aspectos relevantes para o seu crescimento e desenvolvimento físico e mental. Em seguida, conceituaremos a afetividade e veremos sua importância para o indivíduo através de várias concepções. E, finalmente, concluiremos o capítulo falando sobre a inclusão escolar e a afetividade abordando sua relação com o cognitivo, o contexto escolar e o professor.

1.1 - O DESENVOLVIMENTO HUMANO: DIFERENTES CONCEPÇÕES

O estudo do desenvolvimento humano é uma área da psicologia concentrada em compreender o homem em todos os seus aspectos do nascimento até a maturidade. Este esforço resultou na elaboração de várias teorias das quais veremos três: a visão de Piaget, Vygotsky e Wallon.

1.1.1 Na visão de Piaget

Estudar o desenvolvimento humano é concentrar-se em compreender o homem em sua totalidade, ou seja, do nascimento até o seu maior grau de estabilidade. Entre as diversas teorias que buscam este estudo, a de Jean Piaget (1986-1980) busca entender o desenvolvimento do ser humano destacando-se das outras por trazer grandes contribuições práticas principalmente ao campo da Educação. (Terra, 1992)

Piaget, segundo Terra (1992), quis compreender como o homem se elabora enquanto sujeito cognitivo sob o ponto de vista de uma linha interacionista. Dentro dessa linha, formulou um importante conceito chamado *epigênese* onde ressalta que o conhecimento procede de construções sucessivas com elaborações constantes de estruturas novas, ou seja, existe uma relação interdependente entre o sujeito conhecedor e o objeto a conhecer. Este

processo ocorre através de um mecanismo que consiste na *equilibração* progressiva do organismo com o meio em que o indivíduo está inserido.

No modelo Piagetiano, o desenvolvimento humano explica-se através de uma conjuntura entre o sujeito conhecedor e o objeto a conhecer, através de fatores como: o processo de maturação do organismo, a experiência com objetos, a vivência social e a equilíbrio do organismo com o meio. Piaget segue, portanto, uma perspectiva construcionista (Terra, 1992).

A autora ainda ressalta que Piaget define quatro períodos no processo da evolução humana:

- Primeiro período: Sensório-motor (0 a 2 anos);
- Segundo período: Pré-operatório (2 a 7 anos);
- Terceiro período: Operações concretas (7 a 11 ou 12 anos);
- Quarto período: Operações formais (11 ou 12 anos em diante).

No geral, todos os indivíduos experienciam essas quatro fases na mesma seqüência, mas o início e o término de cada uma delas podem sofrer variações devido à estrutura biológica de cada indivíduo e dos estímulos proporcionados pelo meio em que ele estiver inserido (Terra, 1992). Abaixo seguem algumas características de cada período:

- Sensório-motor: a criança nasce em um universo caótico, habitado por objetos evanescentes (que desaparecem, uma vez fora do campo da percepção), como tempo e espaço subjetivamente sentidos, e causalidade reduzida ao poder das ações, em uma forma de onipotência. No recém nascido, as funções mentais limitam-se ao exercício dos aparelhos reflexos inatos. Com o tempo, a criança aperfeiçoa tais movimentos e chega ao final do período sensório-motor já concebendo a si mesma dentro de uma realidade com objetos e tempo, se compreende como um objeto agente e paciente dentro deste espaço.
- Período pré-operatório: neste período, surge a linguagem, que é considerada como uma condição necessária, porém, não suficiente ao desenvolvimento, pois depende do desenvolvimento da inteligência. A aceleração do alcance do pensamento neste estágio se deve, em grande parte, aos contatos interindividuais fornecidos pela linguagem. Vale ressaltar, também, que é uma fase marcada pelo egocentrismo.

- Período das operações concretas: neste estágio, surge na criança a capacidade de interiorizar ações, ou seja, ela começa a realizar operações mentalmente.
- Período das operações formais: ampliando as capacidades conquistadas na fase anterior, a criança já consegue raciocinar sobre diversas hipóteses, ela adquire capacidade de criticar os sistemas sociais e propor novos códigos de conduta, adquirindo, portanto, autonomia. De acordo com Piaget, ao atingir esta fase, o indivíduo adquire a sua forma final de equilíbrio, consegue alcançar o padrão intelectual que persistirá durante a idade adulta (Terra, 1992).

A autora também considera que o modelo piagetiano veio a se tornar uma das mais importantes diretrizes no campo da aprendizagem escolar. Podem ser citados como contribuições da teoria psicogenética: a) a possibilidade de estabelecer objetivos educacionais, pois a teoria fornece parâmetros sobre o processo de pensamento da criança relacionados aos estágios de desenvolvimento; b) o erro dentro da concepção cognitivista da teoria psicogenética passa a ser entendido como estratégia usada pelo aluno na sua tentativa de aprendizagem de novos conhecimentos (PCN, 1998); c) outra contribuição do enfoque psicogenético foi lançar luz à questão dos diferentes estilos individuais de aprendizagem (PCN, 1998).

Para compreender melhor a interferência da afetividade na inclusão e nos processos de ensino-aprendizagem, fez-se necessário, antes, entender o processo de desenvolvimento humano, as idéias de Piaget representam um grande salto nesta compreensão quando esclarecem que:

a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados e obter êxito nas ações. Neste caso, não há conflito entre as duas partes. Porém, pensar a razão contra a afetividade é problemático porque então dever-se-ia, de alguma forma, dotar a razão de algum poder semelhante ao da afetividade, ou seja, reconhecer nela a característica de móvel, de energia. (LA TAILLE, 1992, p. 65 e 66).

1.1.2 Na visão de Vygotsky

No desenvolvimento do indivíduo, Vygotsky ressalta o processo histórico-social e a linguagem. Segundo Rabello e Passos (2000), o indivíduo adquire conhecimentos através da interação com o meio. Este processo foi denominado por Vygotsky como *mediação*. Ele considerou o homem como um ser inserido na sociedade e, assim, sua abordagem relativa ao desenvolvimento humano esteve sempre enfatizada pela dimensão sócio-histórica.

Rabello e Passos (2000) afirmam ainda que, na abordagem sócio-interacionista, Vygotsky buscou elaborar hipóteses de como as características humanas se formam ao longo da história do indivíduo. Vygotsky acreditava que mesmo as características mais individuais de um ser humano estavam impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja, a personalidade é construída a partir da relação com o indivíduo.

Segundo os autores, Vygotsky, ao contrário de Piaget, acredita que o desenvolvimento depende da aprendizagem na medida em que se dá por processos de internalização de conceitos que são promovidos pela aprendizagem social, principalmente aquela planejada no meio escolar. Ou seja, para Vygotsky não é suficiente ter todo o aparato biológico da espécie para realizar uma tarefa, se o indivíduo não participa de ambientes e práticas específicas que propiciem esta aprendizagem.

Para compreender melhor essa interação e sua relação entre os processos de ensino e aprendizagem, Vygotsky nos oferece o conceito de *Zona de Desenvolvimento Proximal* (ZDP): a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento proximal, demarcado pela capacidade de solucionar problemas com a ajuda de uma pessoa mais experiente. (Rabello e Passos, 2000).

É nesta zona de desenvolvimento proximal que a aprendizagem vai ocorrer. A função do professor seria, então, favorecer esta aprendizagem servindo de mediador “afetivo” entre a criança e o mundo.

Vygotsky (1992) ressalta, também, a existência de um:

Sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem. Cada idéia contém uma atitude afetiva transmutada com relação ao fragmento de realidade ao qual se refere, ultrapassando a trajetória que vai das necessidades e impulsos de uma pessoa até à direção específica tomada por seus pensamentos, até o seu comportamento e a sua atividade. (VYGOTSKY, 1992, p. 6-7, apud LA TAILLE, 1992, p. 77).

1.1.3 Na visão de Wallon

Segundo Dourado (2004), Wallon elaborou sua teoria sobre o desenvolvimento humano em virtude de sua preocupação com a educação e expressou também suas idéias pedagógicas no Projeto Langevin-Wallon, um projeto de reforma para o ensino da França, elaborado juntamente com o físico Paul Langevin, mas que não chegou a ser implantado.

Para a autora, a teoria de Wallon considera o desenvolvimento da pessoa completa integrada ao meio em que está imersa, com os seus aspectos afetivo, cognitivo e motor também integrados. A pessoa é vista como o conjunto funcional resultante da integração de suas dimensões, cujo desenvolvimento se dá na integração de seu aparato orgânico com o meio, predominantemente o social.

Dourado (2004) afirma que o desenvolvimento tem seu início na relação do organismo do bebê recém-nascido, essencialmente manifestado por reflexos e movimentos impulsivos chamados descargas motoras, com o meio humano que as interpreta. Nesta fase, distinguem-se apenas estados de bem-estar ou desconforto, são as reações ao ambiente humano, representado pela mãe, motivadas pela interpretação da mímica do bebê que permite distinguir as emoções básicas. Essa mímica não é casual, mas um recurso biológico da espécie, essencialmente social, que faz do bebê um ser capaz de produzir, no ambiente humano, um efeito mobilizador para sobreviver. Desta forma, é a dimensão motora que dá a condição inicial ao organismo para o desenvolvimento da dimensão afetiva.

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores se dá, portanto, a partir do desenvolvimento das dimensões motora e afetiva. É a comunicação emocional que dá acesso ao mundo adulto, ao universo das representações coletivas. A inteligência surge depois da afetividade e a partir das condições de desenvolvimento motor, alternando-se e conflituando-se com ela. A cognição é vista como parte da pessoa completa e só pode ser compreendida integrada a ela, cujo desenvolvimento se dá a partir das condições orgânicas da espécie: é resultante da integração entre seu organismo e o meio, predominantemente o social. Assim, o desenvolvimento é condicionado tanto pela maturação orgânica, como pelo exercício funcional, propiciado pelo meio. Segundo Wallon (1975):

O que permite à inteligência essa transferência do plano motor para o plano especulativo não é evidentemente explicável no desenvolvimento do indivíduo (...) mas nele pode ser identificada [a transferência] (...) são as aptidões da espécie que estão em jogo, em especial as que fazem do homem um ser essencialmente social. (p.131)

Segundo Dantas (1990), a afetividade na teoria de Wallon é vista como instrumento de sobrevivência cuja origem está na função tônico-postural, além disso, à afetividade compete a transição entre o estado orgânico do ser e sua etapa cognitiva, racional; “suprindo a insuficiência da articulação cognitiva nos primórdios da história do ser e da espécie”.

Nesse sentido, Souza e Costa (2004) ressaltam que a afetividade que corresponde à primeira manifestação do psiquismo propulsiona o desenvolvimento cognitivo ao instaurar

vínculos imediatos com o meio social, abstraindo deste o seu universo simbólico, culturalmente elaborado e historicamente acumulado pela humanidade. Por conseguinte, os instrumentos mediante os quais se desenvolverá o aprimoramento intelectual são, irremediavelmente, garantidos por estes vínculos estabelecidos pela consciência afetiva. (Souza e Costa, 2004).

Nessa perspectiva, Wallon (1975) admite que:

A afetividade não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com predomínio da primeira. (LA TAILLE, 1992, p. 90)

O próximo capítulo complementarará o que foi aqui destacado por Wallon e ressaltará a importância e a relação entre o cognitivo e a afetividade.

1.2 COGNITIVO E AFETIVIDADE

Sabendo que os seres humanos são criaturas que alteram todos os dias seu comportamento devido a fatores sentimentais, físicos e intelectuais é importantíssimo salientar o quesito afetividade, como sendo o que exerce a maior influência no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos em processo de formação.

No século XXI a afetividade aponta, como um aspecto capaz de modificar até processos biológicos e acentuar-se em qualquer situação em que haja a presença de um ser humano. Isso reforça que a afetividade exerce influência direta nos mecanismos do corpo. Nesse contexto cabe citar o trabalho de Luck (1983:20) que afirma que:

Mesmo tratando-se de comportamento predominantemente psicomotor, como é o caso dos exercícios físicos e da realização de trabalhos manuais, nem por isso deixam de estar menos presentes os componentes afetivo e cognitivo. As emoções fazem com que as glândulas supra-renais sejam estimuladas e lancem na corrente sanguínea maior quantidade de adrenalina, o que estimula o ritmo da respiração e das batidas do coração que, por sua vez, levam o fígado a liberar maior quantidade de glicose para o sangue de maneira a alterar o metabolismo e a possibilitar ao homem maior dispêndio de energia. (p.20)

Com base no que foi colocado acima, é essencial que as escolas estabeleçam estratégias educacionais que permitam mais que o desempenho cognitivo, enfatizando o desenvolvimento das emoções e sentimentos que tornam a aprendizagem mais prazerosa e unificada.

Um processo de inclusão eficaz está intimamente ligado às relações afetivas. Assim, é imprescindível que o aluno esteja rodeado de atitudes de afeto no âmbito escolar. Não se pode, porém, confundir afeto com atenção, pois o aluno precisa de mais do que alguns momentos de entretenimento, precisa sentir-se acolhido.

O ambiente escolar deve ter caráter familiar e proporcionar alternativas para que o educando se descubra diante do mundo. O aluno, como ser dotado de emoções, possui a necessidade de manter vínculos de amor e carinho por onde quer que circule.

1.3 AFETIVIDADE: CONCEPÇÕES E IMPORTÂNCIA

A afetividade constitui um tema fundamental na obra de Henri Wallon (1975). Seu posicionamento a respeito da importância da afetividade para o desenvolvimento da criança é bem definido; para o autor, ela tem papel essencial no processo de desenvolvimento da personalidade.

Wallon (1975) afirma que a afetividade é um domínio funcional através do qual o desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. A este respeito diz: *“... a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência, onde a escolha individual não está ausente.”* (Wallon, 1975, p. 288). No processo de desenvolvimento humano, esses fatores alteram tanto as fontes de onde iniciam as manifestações afetivas, quanto as suas formas de expressão. A afetividade passa, então, a ser influenciada pela ação do meio social.

Após o contato com a literatura acerca do tema, conclui-se que o conceito de afetividade deve ser separado de suas manifestações: sentimento, paixão, emoção. Segundo Almeida (2002), afetividade é o termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e, nesse domínio funcional, aparecem diferentes manifestações, desde as primeiras, basicamente orgânicas, até as diferenciadas como as emoções, os sentimentos e as paixões.

Em um sentido geral, a afetividade está relacionada aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo e pode ser identificada em uma base mais orgânica e outra mais social.

Analisando a teoria do desenvolvimento de Wallon (1975), pode-se destacar a

existência de manifestações afetivas anteriores ao aparecimento das emoções. As primeiras expressões da criança - sejam de sofrimento ou prazer, como a fome e a saciedade - são consideradas manifestações afetivas primitivas.

À medida que vai tendo contato com o meio, os “gestos orgânicos” se diferenciam, dando início ao que o autor chama de *período emocional*. Neste período, os movimentos não são mais impulsivos nem carregados pelas necessidades orgânicas, mas passam a ser reações orientadas resultantes do ambiente social. De acordo com Almeida (2002):

A vida afetiva da criança, inaugurada por uma simbiose alimentar, é logo substituída por uma simbiose emocional com o meio social. Com a emoção, as relações interpessoais se intensificam; é ela que une o indivíduo a outrem, possibilitando a participação do outro e, conseqüentemente, a delimitação do eu infantil. (Almeida, 2002)

A manifestação afetiva mais explorada por Wallon (1975) é a emoção. Para ele, a emoção é uma forma de exteriorização da afetividade que evolui como as demais manifestações, sob o impacto das condições sociais.

É interessante perceber a relação complexa entre a emoção e o meio social, particularmente, e o papel da cultura na transformação das suas expressões. Se, por um lado, a sociedade especializa os meios de expressão da emoção, transformando-os em instrumentos de socialização, por outro lado, essa especialização tende a reprimir as expressões emocionais. As formas de expressão tornam-se cada vez mais socializadas, a ponto de não expressarem mais o arrebatamento característico de uma emoção autêntica (Almeida, 2002).

À medida que se desenvolve, a criança estabelece diferentes níveis de relações sociais as quais interferem na construção do campo afetivo. Com essas relações, despertam-se sentimentos e paixões, manifestações afetivas relacionadas a uma outra pessoa.

Na puberdade, as relações do adolescente com o mundo operam no campo da moralidade. Ele começa a questionar os valores e relações sociais existentes, os quais podem passar a ser a origem de manifestações afetivas, ao lado daquelas diretamente relacionadas a outro indivíduo.

Almeida (2002) ressalta que, na obra walloniana, a afetividade constitui um domínio funcional tão importante quanto o da inteligência. Afetividade e inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois, embora tenham funções bem definidas e diferenciadas entre si, são interdependentes em seu desenvolvimento, permitindo à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados.

Ainda segundo o mesmo autor, a afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento da pessoa; são construídas e se modificam de um período a outro, pois, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas. Sendo assim, é mais salutar para uma criança de quatro anos ser ouvida e respeitada do que ser apenas acariciada e beijada.

Por exemplo, no estágio personalista, em que o comportamento dominante é o afetivo, a função dominada, a inteligência, pactua com as conquistas da afetividade, preparando-se para sucedê-la no próximo estágio. A evolução da inteligência é incorporada pela afetividade de tal modo que outras relações afetivas emergem. O advento da representação, uma conquista do campo intelectual, permite à criança ter relações afetivas mais complexas, como a paixão e o sentimento (Almeida, 2002).

É importante salientar que, para Wallon, o desenvolvimento da personalidade oscila entre movimentos ora afetivos, ora cognitivos, que são interdependentes; ou seja, à medida que a afetividade se desenvolve interfere na inteligência e vice-versa.

Apesar de não estar explícito, pode-se afirmar que Wallon sugere uma evolução da afetividade ao mostrar que esta se desenvolve em um processo inicialmente orgânico e posteriormente social.

Parece-nos que a afetividade é, ainda, um campo aberto para investigações. Wallon indica caminhos a serem trilhados para estudos complementares ao estabelecer nítida diferença entre a afetividade e suas manifestações; e ao identificar que, no desenvolvimento humano, existem estágios que são predominantemente afetivos. cremos que, se pudéssemos separar os estágios predominantemente afetivos dos demais, apenas para efeito de análise, já teríamos, possivelmente, um caminho, mesmo que incipiente, a ser trilhado. Por conseguinte, acreditamos que uma aproximação cada vez maior com a proposta walloniana da afetividade permitirá uma compreensão de seus possíveis desdobramentos e limites. (Almeida, 1992)

1.4 INCLUSÃO ESCOLAR

Entende-se por inclusão escolar o processo em que se amplia a participação de todos os alunos no ensino regular atendendo à diversidade dos mesmos. É uma abordagem que

percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, desenvolvimento e a inserção social de todos (Soler, 2005).

Para que ocorra a inclusão, é necessária uma reflexão a respeito da prática pedagógica de forma a promover mudanças significativas na estrutura e funcionamento das escolas, bem como na formação dos professores e na relação família-escola.

Não se pode confundir educação inclusiva com educação especial. De acordo com o Seminário Internacional do Consórcio da Deficiência e do Desenvolvimento – IDDC, sobre a educação inclusiva, realizado em março de 1998 em Agra, na Índia, um sistema educacional só pode ser considerado inclusivo quando reconhece que todas as crianças podem aprender e respeita suas diferenças.

Assim, de acordo com a nova LDB e as necessidades educativas especiais, a inclusão educacional não pode ser entendida como o simples ato da aceitação da matrícula de um educando na escola regular. Sobre isso, a Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional quando afirma:

“ A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”

Mantoan (2002) considera que a proposta de incluir todos os alunos em uma única modalidade educacional, o ensino regular, encontra diversas barreiras, entre elas, a cultura assistencialista da Educação Especial. O sentido dúbio da Educação Especial, acentuado pela imprecisão dos textos legais, tem acrescentado a essa situação outros sérios problemas de exclusão, sustentados por um entendimento equivocado dessa modalidade de ensino.

No desejo de assegurar a homogeneidade das turmas escolares, destruíram-se muitas diferenças que consideramos valiosas e importantes hoje, nas salas de aula e fora delas. De certo que as identidades naturalizadas dão estabilidade ao mundo social, mas a mistura, a hibridização e a mestiçagem as desestabilizam, construindo uma estratégia provocadora, questionadora e transgressora de toda e qualquer fixação da identidade. (Silva 2000; Serres 1993).

De acordo com Mantoan (2002), temos o dever de oferecer escola comum a todos os alunos, pois a escola especial os inferioriza, discrimina, limita, exclui. Ao mesmo tempo, é fundamental garantir-lhes um atendimento educacional especializado paralelo,

preferencialmente na escola comum, para que não sejam desconsideradas as especificidades de alguns aprendizes.

Adaptar o ensino a alguns alunos de uma turma de escola comum não condiz com a transformação pedagógica das escolas, exigida pela inclusão, nem conduz a ela (Mantoan, 2002). Segundo a autora, a inclusão implica em uma mudança de paradigma educacional, o que gera uma reorganização das práticas escolares: planejamentos, formação de turmas, currículo, avaliação, gestão do processo educativo e assim por diante.

A inclusão escolar é um grito para que sejam revisadas as direções em que estamos nos alinhando na condução de nossos papéis como cidadãos. Muito já tem sido feito no sentido de consolidar as vantagens da inclusão escolar. A “Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva inclusiva” representa um avanço para que essas perspectivas se reafirmem.

No próximo capítulo, trataremos da afetividade no contexto escolar.

1.5 AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Como a família, a escola é uma instituição essencial na formação dos indivíduos. Tem como papel contribuir não só para aquisição de conhecimentos do campo cognitivo, mas também na construção do caráter e da personalidade, além de proporcionar o vínculo afetivo entre todos.

Neste contexto, cita-se o trabalho de Saltini (1997) que ressalta que

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas . Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores (p.15).

Saltini (1997) considera que o pensar é uma capacidade destinada exclusivamente aos seres humanos e, nesse sentido, pode ser utilizado como mecanismo de construção do futuro. O autor considera que a formação do pensamento está vinculada às bases afetivas e, nessa direção, cabe aos educadores facilitar o seu surgimento. Assim, é necessário que o ato de pensar construído sobre bases afetivas nos possibilite conhecer e melhorar nossa realidade.

O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. (Saltini, 1997:15)

Passamos um bom tempo na escola, e é lá que, ainda crianças, descobrimos muitas coisas. A escola deve ultrapassar a simples transmissão de conteúdos e oferecer diversas maneiras para que seus alunos se encaixem em um processo de aprendizagem que envolva todas as funções humanas, ressaltando a sentimental, uma vez que, para Saltini (1997:31), “em primeiro lugar, a educação não é uma transmissão do conhecimento, de um saber ou até mesmo de uma conduta, mas, sobretudo uma iniciação à vida.”

Nesse sentido, a escola deve preocupar-se em preparar um grupo de professores especializados que esteja consciente de que as crianças, para que adquiram um desenvolvimento pleno de suas potencialidades, precisam manter relações com indivíduos que compreendam sua subjetividade e características de cada faixa etária.

Saltini (1997:73), a esse respeito, afirma que:

O professor (educador) obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola. (p.73).

A partir desse pressuposto, é indispensável destacar que as crianças na escola estão abertas a receber e estabelecer relação íntima e afetiva com o professor. Saltini (1997:89) entende que “a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado.”

Em alunos com dificuldades emocionais é possível observar, na maioria dos casos, que eles têm dificuldades em alguma área do desenvolvimento quando comparada à outra sem os mesmos distúrbios emocionais. Monteiro (2003), ao analisar o desempenho desses alunos, conclui que:

Uma criança com problemas emocionais, enfrentando dificuldades em suas interações com o meio físico e social, não deverá apresentar o mesmo nível operatório de outra, de mesma idade cronológica e sob condições de existência mais favoráveis, pois a afetividade regula os processos e equilíbrio que se desenvolvem entre a assimilação e a acomodação. (p.11)

O papel do professor em sala de aula é essencial para resolver alguns problemas, entretanto, a escola também precisa oferecer suporte ao educador para que este atue de forma decisiva. O professor deve exercer sua prática com amor, pois, caso contrário, irá confirmar o

que se tem atribuído ao ato educativo, a visão reduzida de mera transmissão de conteúdos. A esse respeito, discutiremos no capítulo a seguir.

1.6 O PROFESSOR E A AFETIVIDADE

A construção das relações e dos laços de afetividade se dá por meio dos estímulos que os envolvidos recebem do ambiente em que estão inseridos. Luck (1983: 25) afirma que “as relações afetivas assumem um papel especial e singular no quadro educativo”. Portanto, é preciso entender que a afetividade deve ser cultivada em todas as relações, inclusive na relação professor-aluno.

Evidencia-se, assim, que o trabalho do professor é vital no desenvolvimento e na aprendizagem, uma vez que será o docente um dos principais responsáveis por estabelecer os vínculos afetivos, podendo contribuir positiva ou negativamente.

Segundo Marchand, essa afetividade diz respeito a uma variação seguida de uma aceitação. Explicando melhor, em alguns casos o educador apresenta maior ou menor afetividade por alunos que de alguma forma marcam essa relação. O autor salienta que: “As relações sentimentais do professor variarão em função de cada aluno, segundo seus êxitos escolares, seu comportamento, seu caráter” (1985:75).

Cabe, pois, ao professor assumir uma postura de comprometimento com incentivo à prática da afetividade, reconhecendo seu grande valor no ato de educar. A esse respeito, Luck (1983: 40) enfatiza que “o professor ensina muito menos pelo que diz, do que pelo que faz, e, essencialmente, pelo que é mais do que pelo que diz”.

É de suma importância, portanto, que o educador incentive seus alunos com atitudes de afetividade, tendo por base que uma turma nunca é homogênea e que as histórias de cada aluno são diferentes em vários aspectos. Sobre o desenvolvimento cognitivo, Luck (1983:23) coloca que “aumentando-se a intensidade de comportamentos do domínio afetivo, obtém-se diretamente maior intensidade de comportamento do domínio cognitivo”.

É por meio da interação professor-aluno que iniciam os primeiros laços de afetividade na escola. O docente deve dispor ao seu aluno um ambiente propício ao desenvolvimento dos sentimentos e emoções. Cabe a ele fazer com que os alunos, principalmente que chegam pelo processo inclusivo, estabeleçam uma relação integral consigo mesmos e com os indivíduos a

sua volta. Marchand (1985: 37) aponta que “todo exame das interações efetivas do mestre e do aluno nos revela que a vida do ‘par educativo’ está submetida à iniciativa preponderante do professor”.

Essa relação é consolidada já nos primeiros contatos em sala de aula, reforçando as influências que a primeira impressão pode causar e as conseqüências positivas ou negativas que podem surgir posteriormente. Para que haja sucesso no trabalho docente, especialmente na inclusão, faz-se necessário que o professor esteja atualizado em relação às evoluções do cotidiano. Muito mais que dominar conteúdo, ele deve estar apto a entender os indivíduos e o ambiente que o cerca.

CAPÍTULO 2:

OBJETIVOS

Com base nessa discussão, esse estudo teve por objetivo principal compreender como a afetividade está sendo trabalhada nas escolas e qual a sua importância no processo de inclusão escolar, a fim de contribuir para a construção de um espaço escolar inclusivo e afetivo, promotor de desenvolvimento e aprendizagem. As intenções específicas são as seguintes:

- Reconhecer como os professores compreendem a afetividade dentro da escola como um todo e no processo de inclusão escolar;
- Identificar de que forma a escola de educação inclusiva tem trabalhado a questão da afetividade;
- Construir alternativas teórico-metodológicas que possibilitem o desenvolvimento de um espaço educacional inclusivo e afetivo promotor de desenvolvimento e aprendizagem.

CAPÍTULO 3:

METODOLOGIA

Este estudo foi realizado tendo como base uma pesquisa de caráter qualitativo, especificamente apropriado à pesquisa no campo das ciências humanas e sociais, pois visa identificar os múltiplos e outros sentidos de uma realidade investigada.

Segundo Chizzotti (2001),

Abordagem qualitativa parte do fundamento de que há relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (p.79).

O capítulo seguinte discorrerá sobre o contexto da pesquisa, os participantes, os instrumentos para construção das informações e as estratégias para análise das informações.

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A escola selecionada para o desenvolvimento desse estudo foi inaugurada em 12 de novembro de 1975. Iniciou suas atividades em 1976 e foi construída para atender a demanda da Superquadra na qual se localiza, com recursos do Banco Central, que a tempo proporcionou o atendimento aos pais moradores da quadra e funcionários deste órgão.

Com as mudanças socioeconômicas ocorridas nos últimos anos, a escola passou a atender alunos das cidades satélites e entorno, mudando o perfil da comunidade escolar.

Em 2008, foi criado o Bloco Inicial de Alfabetização e em 2009 o Jardim de Infância passou a atender o 1º e 2º períodos.

Esta Instituição de Ensino participa do trabalho de inclusão dos alunos portadores de necessidades educacionais especiais desde o ano de 2000, favorecendo a convivência entre todas as crianças, evitando um sistema segregacionista, onde toda comunidade escolar se beneficia desta educação.

O corpo docente é constituído por profissionais de alto nível de formação, vasta experiência em Educação Infantil e que vêm, ao longo dos anos, construindo uma história de sucesso. Na atualidade, desenvolve projetos significativos para o sustento deste perfil.

O projeto político pedagógico da escola tem como objetivo principal a promoção humana do educando e, por missão, oferecer educação de qualidade, oportunizando a construção de aprendizagem significativa, de forma prazerosa e que permita apropriação de habilidades que o levarão o aluno à construção de competências para o exercício efetivo da cidadania e o prosseguimento dos estudos.

Neste contexto, a escola possui o comprometimento com a promoção da inclusão não só pedagógica, mas também social dos alunos portadores de necessidades educativas especiais. Para isso, desenvolve com servidores, educadores e família um trabalho de parceria e envolvimento na recepção dos alunos especiais buscando a melhor forma de se trabalhar com cada aluno.

3.2 AS PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 02 professoras que serão aqui identificadas como professora Rose e professora Maria. As informações a respeito de cada uma delas foram adquiridas através de entrevistas e estarão nos próximos parágrafos sintetizadas.

Rose tem 24 anos de trabalho em salas de aula da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Fez o curso normal e depois graduação em Geografia. Passou no concurso para professora da SEEDF e foi reclassificada para a área de atividades, iniciando, assim, sua trajetória na educação infantil.

A professora Rose foi uma das escolhidas para este trabalho devido ao perfil que possui, sendo reconhecida pelos outros professores e também pelos pais dos alunos como uma profissional carinhosa e comprometida com seu trabalho.

Maria leciona há 11 anos nesta escola. Decidiu ser professora por influência do marido. Fez o curso normal e passou no concurso para professora de séries iniciais, quando surgiu a oportunidade de fazer o curso de Pedagogia, seguido de pós-graduação na área de ensino especial e educação infantil. A professora trabalha há alguns anos com alunos especiais e, por este motivo, foi também escolhida para o estudo.

3.3 INSTRUMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Dentro dos métodos qualitativos da pesquisa, escolheu-se a entrevista com a técnica semi-estruturada. Foi um momento de exposição subjetiva de opiniões onde as professoras além de colocarem seus pontos de vista falaram também de suas vidas e experiências.

Procurou-se criar um clima de acolhida e tranquilidade no momento da realização de cada entrevista. Baseando-se no que González Rey (2002, p.88-89) coloca:

A condução rígida de uma entrevista e a pouca simpatia de quem a aplica fazem o sujeito entrevistado se sentir como um estranho em relação ao pesquisador, o que leva a um formalismo na realização da entrevista, limitando as expressões das emoções e reflexões mais íntimas do sujeito e empobrecendo a informação.

[...] Não se deve usar a entrevista na perspectiva qualitativa como um instrumento fechado, em que a resposta seja utilizada como unidade objetiva de análise. ... A entrevista, na pesquisa qualitativa, tem sempre o propósito de converter-se em um diálogo, em cujo curso as informações aparecem na complexa trama em que o sujeito as experimenta em seu mundo real.

O trabalho foi realizado tendo como preocupação central responder aos questionamentos levantados no capítulo de objetivos. Para o desenvolvimento das entrevistas, utilizamos um roteiro de entrevistas dividido em três blocos:

Bloco de Apresentação

- Formação: graduação (faculdade e ano de formação);
- Escola que trabalha, tempo de profissão, série em que atua.
- Por que escolheu essa profissão?

Bloco Conceitual

- O que você entende por afetividade?
- Como a afetividade deveria ser trabalhada na escola? Onde você aprendeu isso? O que leu sobre o assunto?
- Qual a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem?
- A afetividade influencia no processo de inclusão escolar? De que forma?

Bloco com questões de ordem prática

- Como a escola trabalha a inclusão? Por que faz assim? O que tem dado certo?
- Quem são os responsáveis por essas ações? Dê exemplos.

- Como tem sido sua participação no processo de inclusão na escola? Por que tem sido assim? O que tem dado certo? O que ainda falta? Quem pode ajudar?
- Quais são as atitudes tomadas por você na recepção dos alunos portadores de necessidades especiais? Por que faz assim? Quem pode ajudar? Como?
- De que forma você trabalha a afetividade em suas aulas? Por que tem sido assim? O que tem dado certo? O que ainda falta? Quem pode ajudar? Como? Dê exemplos.

As entrevistas foram realizadas em momentos e lugares distintos. A primeira entrevistada foi Rose, em seu próprio apartamento. Alguns dias depois, Maria foi entrevistada em um momento de intervalo na sala de recursos da escola. Os dados produzidos serão apresentados no próximo capítulo.

3.4 ESTRATÉGIAS PARA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

O primeiro passo depois da entrevista foi sua transcrição. Em seguida, o material foi analisado e as categorias de análise definidas para responder aos objetivos preestabelecidos, dentre os quais cabe destacar: construir alternativas teórico-metodológicas que possibilitem o desenvolvimento de um espaço educacional inclusivo e afetivo promotor de desenvolvimento e aprendizagem. As categorias definidas foram: interações entre alunos e equipe escolar; construção de um ambiente afetivo; e formação do professor.

Entende-se por interações entre alunos e corpo escolar, nesta pesquisa, as relações que ocorrem na escola, estando, para tanto, envolvidos: pais, alunos, funcionários e professores. Estas relações são formadas por um conjunto de variadas formas de atuação que se estabelecem entre as partes. Sobre isso, Ramires (2003) explica que:

Interação é o processo através do qual a criança desenvolve a sua compreensão do ambiente social e de que seu papel nele é complexo e multifacetado: a cognição social abrange mais do que a percepção e as inferências sobre as outras pessoas, envolvendo a compreensão das relações entre os próprios sentimentos, pensamentos e ações, tanto quanto as relações entre esses fatores pessoais e os fatores correspondentes nas outras pessoas. Isso implica que, da perspectiva da cognição social, nossa compreensão da interação social depende de nossa organização dos conceitos sociais e da habilidade de integrar e coordenar perspectivas.

Em relação à construção de um ambiente afetivo, referimo-nos às atitudes que deverão ser tomadas pela escola nos diversos momentos e situações contribuindo para que este esteja sempre equilibrado. A este respeito, Silva (2007) nos fala:

O desenvolvimento afetivo depende, dentre outros fatores, da qualidade dos estímulos do ambiente para que satisfaçam as necessidades básicas de afeto, apego, desapego, segurança, disciplina e comunicação, pois é nessas situações que a criança estabelece vínculos com outras pessoas.

A formação contínua do professor diz respeito à atualização, troca de experiências, em que se possa descobrir formas de trabalhar a afetividade para construir um processo inclusivo eficaz. Sobre esta formação, Raposo e Maciel (2007) colocam:

As diferentes disciplinas dos cursos de formação de professores precisam ajudá-los a desenvolver conhecimentos e habilidades, além de competências, atitudes e valores, que os possibilitem construir seus saberes-fazeres docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino, como prática social, lhes coloca no cotidiano. Dessa forma, poderão contribuir para que o professor desenvolva a capacidade de investigar a própria atividade, para, a partir dela, constituir e transformar os seus saberes-fazeres docentes, num processo contínuo de construção de sua identidade como professor.

CAPÍTULO 4:

RESULTADOS

Este capítulo apresentará os resultados alcançados através das entrevistas realizadas, que tinham por objetivo saber como a afetividade está sendo trabalhada nas salas de aula e se ela colabora para o processo de inclusão.

Nas entrevistas, tanto Rose quanto Maria ressaltaram a importância da capacitação dos professores para receber alunos portadores de necessidades especiais, como se pode concluir das transcrições:

Rose *... eu acho em primeiro lugar que os professores deveriam ser capacitados para isso, e a realidade é... não é essa, é que a grande maioria não sabe como lidar com esses alunos. Acho também que a escola deveria ser preparada, bem estruturada e além dos professores, os servidores, a direção, todos deveriam fazer cursos pra receber e propiciar um bom processo de inclusão, porque eu sempre me questiono: como vamos cobrar das crianças que recebam e aceite um coleguinha especial, se nem a gente sabe como fazer...*

Maria *Começa pelo preparo né, do professor. É quando a gente não está preparado, às vezes a gente sem querer você já tem um certo bloqueio assim uma certa resistência isso eu acho que é natural do ser humano quando se dá com o desconhecido com algo assim que você não sabe como lidar, você tem uma certa rejeição. E a partir do momento que você tem o conhecimento isso se torna muito mais fácil.*

Maria considera importante acha que todos ganham no processo de inclusão, inclusive os alunos ditos “normais”, uma vez que a interação quebra qualquer tipo de preconceito e torna o ambiente escolar propício ao desenvolvimento dos alunos em todos os seus aspectos.

Maria *...eu acho assim inclusão é algo assim primordial pra essas crianças porque é um momento onde ele tem oportunidade de conviver, né de ser aceito pela sociedade, pela comunidade escolar de um modo geral, porque a princípio eles é relegado no centro de...e é necessário os centros também, tu sabe que é necessário mas eles quando são inclusos, ganham muito tanto eles quanto as crianças que convivem com*

eles. Os dois lados ganham, mas as crianças que convivem com os especiais elas aprendem muito e... essa parte da discriminação, isso por parte das crianças quase não acontece... é muito assim as vezes por parte da família então é muito bom as crianças conviverem com essas diferenças.

Em relação à afetividade, as duas professoras reconhecem o importante papel que esta possui no processo de ensino-aprendizagem. Pontuaram que a afetividade é um canal de contato entre professor-aluno e que este canal abre portas para o crescimento emocional e cognitivo.

Rose *A afetividade é o principal canal de contato e também o facilitador da aprendizagem. A gente precisa conquistar as crianças para que elas nos dêem retorno ao que propomos. E quando você conquista a criança, ela se sente bem, se sente amparada e se torna afetiva com você também. Então, é... é preciso estar todos os dias mostrando pra cada criança o quanto ela é especial, o quanto ela é inteligente, esperta e eu procuro fazer isso sempre...*

Maria *Bom, pra mim eu acho que é uma troca de carinho, de respeito, de aluno professor, professor aluno, e isso a gente adquire assim no convívio, no trabalho que a gente faz, porque quando a partir do momento que você se prepara pra estar na sala de aula, você se organiza e você vai segura do que você vai fazer, isso fica muito mais fácil, então você tem tempo de dar carinho para o seu aluno, ele percebe que você tá seguro, então ele confia mais em você, e essa confiança gera essa afetividade, esse amor...*

A professora Rose acha de grande importância o trabalho da afetividade no processo de inclusão escolar e crê que a criação de um ambiente emocionalmente equilibrado facilita este processo deixando todos seguros e tranquilos.

Rose *...o professor ele precisa se conscientizar que o seu papel vai além da transmissão de conhecimentos pra que a criança aprenda é.. o ambiente, ele deve estar preparado e o professor precisa estar equilibrado emocionalmente lidando bem com suas emoções, não só com as suas emoções, mas também com as emoções dos alunos. Na inclusão é , isso é fundamental, porque em um ambiente emocionalmente equilibrado, o aluno especial vai na minha opinião é... ser integrado com mais*

facilidade. É... o ambiente, o clima de estabilidade, fazem com que todo o processo ele seja realizado de forma bem tranqüila.

Para Maria, o processo de inclusão só é possível quando o professor consegue trabalhar a afetividade em sala, pois, se não houver afetividade, o aluno não cria vínculos com o professor e tende a ser resistente ao que é proposto em sala de aula. Citou exemplo de um aluno que batia nos colegas e jogava areia, segundo ela, a escola teve problemas com os outros pais que reclamavam porque os filhos chegavam machucados em casa. A professora, com o apoio da escola, optou por uma forma afetiva de impor limites a este aluno. O resultado foi encantador e o aluno foi melhorando a cada dia.

Maria *...eu acho que se não tem afetividade, fica quase impossível de você fazer um trabalho. ... a primeira coisa que se tem que ter de adquirir é essa afetividade porque se ele não tem vínculo, não cria vínculo com o professor, ele te rejeita o tempo inteiro, e tendo rejeição claro, você não vai conseguir trabalhar, e isso acontece não é só com turmas de classe especial, acontece também, com as crianças do ensino regular, ditas normais né acontece em todos os sentidos tem que ter afetividade, tem que ter carinho, porque a partir do momento que você demonstra isso é recíproco por parte da criança e aí tudo flui...*

Maria *...então foi muito bom, ele batia, quando ele batia o coleguinha ao invés de... depois que passava aquele período de raiva ia lá falava com ele passava a mão nele, ensinava como que deveria tratar, não você não pode bater, tem que fazer carinho, e as vezes ele tinha resistência até que fosse tocado a criança pegava o professor ajudava ele tocava na criança e falava pra ele que aquilo machucava... e com esse trabalho da criança e o professor, ele foi se desenvolvendo foi se modificando, as vezes ele pegava o pratinho de areia pra jogar no rosto do colega ele soltava no chão e passava a mão sinal de carinho, ou seja ele entendeu né que a questão do carinho era mais importante do que bater, então ele saiu daqui uma criança muito melhor...*

As duas professoras disseram que a escola faz um trabalho conjunto na recepção dos alunos portadores de necessidades especiais e que, por ser uma escola inclusiva já há alguns anos, o processo tem sido muito positivo. Existe o apoio da sala de recursos e os funcionários são envolvidos dando suporte a todas as demandas que surgem. As famílias

são envolvidas no processo logo no início do ano letivo e são sensibilizadas para a importância da inclusão, recebendo orientações de como conversar com seus filhos a esse respeito.

Maria *Bom aqui, a gente trabalha de uma forma muito tranqüila, porque já faz muitos anos que essa escola, nossa escola aqui é inclusiva daí a gente tem procurado inserir essas crianças na comunidade de um modo geral, nas primeira reuniões que acontecem no ano os pais já sabem, assim já tem que tomar conhecimento que é uma escola inclusiva que seus filhos vão conviver com crianças portadoras de necessidades especiais e a gente fala do comportamento de muitas delas como que acontece, mas fala também da interação do professor, da forma como o professor está intermediando nessa situação pra ta resolvendo essas situações, fala da importância desse convívio entre crianças normais e crianças especiais, fala do ganho que essas crianças terão, então as famílias aceitam muito bem e assim os funcionários também já estão acostumados porque já faz alguns anos, a maioria já são antigos aqui já faz alguns anos que a escola faz esse trabalho então é super tranqüilo.*

Rose *É... geralmente a professora que sente que tem mais perfil, ela escolhe as turmas inclusivas, e faz um trabalho e esse trabalho é um trabalho de parceria com a professora da sala de recursos. É... a professora da sala de recursos, aqui da minha escola, ajuda bastante, ela possui alguns anos já de experiência nessa área, e ela sempre dá muitas dicas de como trabalhar com cada aluno. Por exemplo, é...este ano é... um dos nossos alunos especiais que está no primeiro período do vespertino, o nome dele é P., ele é cadeirante, e tem também hidrocefalia. Então a M.. que é a professora da sala de recursos conversou juntamente com a professora da turma, também com a família e passou as informações. E essas informações foram passadas não só pra direção, como também para todos os outros professores e os funcionários da escola. Eu acho que tem dado muito certo, a escola está bem unida, e acho que tem sido um trabalho muito bom..*

Rose trabalha a afetividade em sua sala envolvendo as crianças, fazendo com que tornem-se amigas, destacando a importância de cada uma delas na sala para que se sintam queridas. No processo inclusivo, ela faz um trabalho de forma que seus alunos não-

especiais se tornem seus parceiros e ajudem os alunos portadores de necessidades especiais em suas dificuldades.

Rose *Um outro... é o J. V. que tem síndrome de down, é... estão acontecendo coisas bem interessantes, no primeiro dia de aula ele chorou muito, aí rolou no chão, não queria ficar na escola, e as crianças ficaram um pouco assustadas, e era o meu primeiro contato com todos eles. Então quando ele resolveu né, ficar mais tranqüilo, quando ele se acalmou, eu fiz a rodinha com as crianças e tive que ficar com ele no colo porque qualquer porta que ele visse aberta ele corria e as crianças perceberam que ele era diferente e me fizeram várias perguntas: por que ele não falava? é.. a fala do J. é ... ainda não está bem definida, bem desenvolvida, e eles também perguntaram porque ele não ficava quieto, um perguntou se ele era neném e nós fomos conversando. Eu disse que ele era um pouquinho diferente deles mas que se eles ajudassem, ele ia aprender tudo e que ia aprender a cumprir as regrinhas também. Mas que na verdade eles precisavam me ajudar, e o legal foi que nesse mesmo dia, os meninos começaram a ficar de olho nas portas, para que o J. não saísse e pegavam na mãozinha dele, sentavam, quando ele saía do lugar, eles estavam sempre de olho no João. Então, isso eu achei bem interessante.*

As professoras acreditam, por fim, que trabalham bem a questão da afetividade em sala de aula e consideram o trabalho realizado bem sucedido no que diz respeito à inclusão, uma vez que fatores como paciência, alegria, bom humor e tranqüilidade não faltam em suas aulas e no relacionamento com seus alunos. Buscam criar um ambiente emocionalmente equilibrado, o que favorece o aprendizado e o relacionamento dos alunos entre si e com elas. Além disso, encontram apoio no corpo escolar que está sempre presente auxiliando no que é necessário.

CAPÍTULO 5:

ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Com o objetivo de compreendermos a maneira como a afetividade deve ser trabalhada nas escolas inclusivas, criaram-se as categorias de análises já citadas anteriormente: interações entre aluno e equipe escolar, construção de um ambiente afetivo e formação contínua do professor.

Tais categorias contribuirão para que escolas inclusivas ou não trabalhem a afetividade como aliada na construção do processo de ensino-aprendizagem. As categorias serão discutidas nos próximos sub-capítulos, tendo por base as informações levantadas nas entrevistas em campo e no referencial teórico apresentado no início deste trabalho.

5.1 INTERAÇÕES ENTRE ALUNO E EQUIPE ESCOLAR

Nas entrevistas realizadas com Rose e Maria, foram mencionados exemplos da forma de interação delas com seus alunos. As professoras preocupam-se com questões como: diálogo, tom de voz e contato físico.

Rose *(...)Se a criança é.. vê o professor como amigo, ela tem mais confiança, respeito, ela se sente à vontade para aprender.*

Para realçar ainda mais a importância das interações, Vygotsky (1989) evidencia a idéia da *mediação* e da *internalização* como aspectos de extrema relevância para a aprendizagem, ao levar em consideração que só se elabora o conhecimento através de um constante processo de interação entre as pessoas.

Rose *(...)nós sempre fazemos rodinha, e conversamos sobre como estamos nos sentindo e porquê estamos assim.*

Assim, através das relações sociais com as diversas pessoas que o rodeiam, o aluno cresce, se desenvolve e aprende. Vygotsky (1989) afirma que no processo de *internalização* acontecem diversas transformações que relacionam o social e o individual. Ressalta que:

todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica).

Torna-se fundamental, portanto, o papel do outro no processo de ensino aprendizagem. O que for vivenciado entre todos os envolvidos no ambiente educacional estará, certamente, marcado por um sentido afetivo que determinará a qualidade do que for aprendido. Por isso, pode-se concluir que no processo de internalização envolvem-se aspectos c3gnitos e afetivos.

5.2 CONSTRUÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR AFETIVO

Passamos Os adultos passama maior parte de suas nossas vidas no trabalho, assim como as crianças na fase escolar dedicam-se à escola. Se considerarmos a realidade da maioria dos pais que trabalham fora de casa, as crianças interagem muito mais com a equipe escolar do que com suas pr3prias fam3lias. Nada mais justo, ent3o, que elas convivam em um ambiente agrad3vel e saud3vel.

Na escola pesquisada, todos se preocupam com esse bem-estar procurando gerar conforto e alegria aos alunos nas muitas horas que passam na escola.

Rose *(...)3 preciso estar todos os dias mostrando pra cada crian3a o quanto ela 3 especial, o quanto ela 3 inteligente, esperta e eu procuro fazer isso sempre, 3... elogiando os meus alunos nos acertos, e tamb3m dando a m3o, carinho quando eles erram. Ou seja, 3.. eu procuro fazer com que se sintam seguros e tamb3m amados, n3o s3o por mim mas por todos da salinha. A3 3... quando algum falta, eu procuro fazer tamb3m com que as outras crian3as percebam esta aus3ncia e que no dia seguinte, recebam o colega com abra3os e mostrando preocupação mesmo. Acho que isso acaba fazendo com que eles se sintam especiais e percebendo que fazem parte do ambiente e que s3o queridos..*

Maria *(...)A princ3pio eu demonstro muita alegria, quando eu vou receber todos os dias, quando eles chegam, agora esse ano n3 com as crian3as e todos os anos, a gente demonstra muita afetividade, muita alegria por eles estarem no ambiente escolar e a3 eles se sentem muito bem, muito acolhidos e esse acolhimento, ele aceita e v3 que*

é um ambiente legal, que ele vai ficar tranquilo.

A escola deve ser um ambiente afetivo e, sendo afetivo, torna-se facilmente um ambiente cooperativo. Assim coloca Araújo (1993):

A escola insere-se nessa discussão por ser um local privilegiado para a criança conviver com sujeitos da mesma faixa etária, com quem possa manter relações em que não estejam presentes prestígio e/ou autoridade, condição essencial para a cooperação.

(...)é um ambiente assim denominado porque nele a opressão do adulto é reduzida o máximo possível e nele encontram-se as condições que engendram a cooperação, o respeito mútuo, as atividades grupais que favorecem a reciprocidade, a ausência de sanções expiatórias e de recompensas, e onde as crianças tem oportunidade constante de fazer escolhas, tomar decisões e de expressar-se livremente.

Com base no que se expôs, as entrevistadas realizam de forma louvável seu papel ao criarem mecanismos para que as crianças se sintam parte integrante daquele ambiente e estejam livres para soltar suas emoções e sentimentos.

5.3 FORMAÇÃO CONTÍNUA DOS PROFESSORES

O conhecimento abre portas para um trabalho bem sucedido, aquele que não procura atualizar-se fica para trás neste mundo globalizado e cheio de inovações. Na educação não poderia ser diferente, o professor se depara a cada dia com novas situações, os bebês de hoje são tão estimulados que, ao chegar a escola com seus 4 ou 5 anos, são capazes até dar aulas de informática a seus professores. Parece exagero, mas acontece. As professoras entrevistadas demonstraram em várias respostas a preocupação com a formação não só de professores, mas da equipe escolar, principalmente no que diz respeito à inclusão.

Rose *Bom, é... eu acho em primeiro lugar que os professores deveriam ser capacitados para isso, e a realidade é... não é essa, é que a grande maioria não sabe como lidar com esses alunos. Acho também que a escola deveria ser preparada, bem estruturada e além dos professores, os servidores, a direção, todos deveriam fazer cursos pra receber e propiciar um bom processo de inclusão*

Rose *(...)E eu volto a insistir na questão da formação, que todos nós professores, precisamos fazer cursos, reciclar, pra que as crianças não sintam em nós, o desespero é.. ao lidar com algum caso diferente, quanto mais preparados, mais*

equilibrados estamos.

Maria *Começa pelo preparo né, do professor. É quando a gente não está preparado, as vezes a gente sem querer você já tem um certo bloqueio assim uma certa resistência isso eu acho que é natural do ser humano quando se dá com o desconhecido com algo assim que você não sabe como lidar, você tem uma certa rejeição. E a partir do momento que você tem o conhecimento isso se torna muito mais fácil. Um exemplo disso foi comigo, a princípio eu estava assim muito receosa com relação a essa turma que eu estou atuando com ela, porque eu não conhecia muito do assunto, mas aí eu fui lendo muito, fui vendo, fui tendo outras informações hoje assim eu me sinto mais tranqüila, então a partir do momento que a gente tem a informação, que o professor, o profissional da educação tem essas informações com o que ele está trabalhando então ele fica muito mais tranqüilo essa inclusão.*

É preciso, porém, levar o professor a uma formação que atenda realmente às suas necessidades na escola. A este respeito, Raposo e Maciel nos dizem:

Nessa perspectiva, o ensino nos cursos de formação de professores deve superar uma apresentação de um conjunto de teorias e conceitos desvinculados dos problemas reais da atividade pedagógica, o que não auxilia o professor no desenvolvimento da motivação necessária para buscar os conhecimentos e incorporá-los criativamente em sua prática pedagógica.

O professor precisa estar preparado para as diversas situações que encontrará e para que sua conduta seja adequada na forma de lidar com elas. Para Souza (2000):

A conduta do professor em relação ao aluno, será determinante para o autoconceito da criança, pois os sentimentos que um aluno tem sobre si mesmo, dependem em grande parte, dos comportamentos que percebe que o professor mantém em relação a ele.

Nesta pesquisa, considera-se fundamental a formação de um professor conhecedor do processo de inclusão escolar e que utilize a afetividade neste processo. Para isso, o mesmo deve estar ciente de que seu papel vai além da transmissão de conteúdos, ele precisa estar envolvido em todos os aspectos que levam à aprendizagem. Assim como afirmam Raposo e Maciel:

Os conhecimentos, assim, são produtos socioculturais e para serem adquiridos fazem-se necessários o contexto social e a interação com os outros, através da participação ativa do aluno com o professor, com os outros alunos e com os outros envolvidos no processo de aprendizagem. Conseqüentemente, o papel do professor nos diferentes contextos pedagógicos não se resume a estruturar aulas convencionais, expondo o conteúdo sem dialogar com os alunos. Ele é percebido como um mediador entre o saber sistematizado pela Educação e o saber dos alunos, propiciando situações desafiadoras de construção de conhecimento. É na dinâmica que a aprendizagem é construída, através do confronto de posições, num processo que nada tem de linear e que é conduzido por conflitos e desafios.

Enfim, espera-se uma conscientização do docente no sentido de compreender que, para desenvolver eficientemente seu papel, precisa conhecer, aprender e buscar. A escola e todos os seus envolvidos precisam também buscar atualizações para que enfrentem com mais tranquilidade os episódios ocorridos e reflitam segurança aos alunos.

CAPÍTULO 6:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei este trabalho, não tinha noção do leque de informações que ele me traria. A busca por conhecer melhor o desenvolvimento humano me fez pesquisar as teorias de Piaget, Vygostsky e Wallon, e fui surpreendida ao ver que há muito tempo questões como afetividade e aprendizagem já são discutidas e já se sabia, em épocas remotas, que uma sem a outra não existe. Refleti, então, sobre quantas crianças, adolescentes e adultos sofrem pela ausência de afetividade na escola. E quantos professores sofrem, da mesma maneira, buscando formas de ensinar e alfabetizar, mas não encontram sucesso, porque o problema maior não está na transmissão de conteúdos, e sim na sua interação com o aluno, nas emoções e no ambiente que foi proporcionado. Para Almeida (2004), “a afetividade constitui um domínio tão importante quanto a inteligência para o desenvolvimento humano”.

No processo de inclusão, a afetividade se faz ainda mais necessária, receber o aluno com alegria, proporcionar um ambiente tranqüilo, estabelecer formas de interação entre ele e todos da escola são quesitos fundamentais para o sucesso desta inclusão. Através da afetividade, o professor conquista a confiança do aluno e faz com que ele seja afetivo com o professor e com o restante da escola também.

Ao realizar as entrevistas e levantar os resultados, pude perceber que a afetividade não se limita apenas a trocas de carinhos e abraços, à medida que a criança cresce a afetividade vai ganhando complexidade. O professor afetivo não é aquele que simplesmente elogia seu aluno, mas sim aquele que se preocupa com sua dificuldade no momento de realizar uma atividade e faz adaptações para facilitar a adaptação do aluno. O simples gesto de parar o que está fazendo para ouvir o que seu aluno tem a dizer é uma forma de afetividade.

A escola pesquisada faz um belo trabalho de inclusão. No levantamento dos resultados, tendo por base os relatos das professoras, concluí que não há inclusão sem afetividade e mais: não há aprendizagem sem afetividade. No entanto, é preciso levar em consideração que a afetividade é algo muito complicado de se administrar, o educador precisa estar preparado para transformar aspectos ou comportamentos negativos em positivos, amenizando situações complicadas que inevitavelmente ocorrerão no ambiente escolar.

A afetividade é o único caminho possível para a inclusão, através dela, as portas se abrem e a resistência cai por terra. Mas, como foi dito anteriormente, é um processo difícil de administrar, sugiro então que, como continuidade deste trabalho e até mesmo como formação para professores, seja abordado em sua formação algo que enfoque “como trabalhar a afetividade na escola” e, neste âmbito, fujo do foco exclusivamente inclusivo, uma vez que aprendi que cada ser humano possui sua especificidade e que a palavra incluir vai além daquele que possui algum tipo de deficiência, muitos estão sendo excluídos por morar na periferia, outros por não terem família e outros até por ter uma maneira diferente de agir. Então, pensemos futuramente em ensinar escolas sobre como agir de forma afetiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita da Silva: **O que é Afetividade? Reflexões para um conceito.** In Educação On-line. Fonte: ANPED. 2002. Disponível em: www.educaçãoonline.pro.br Acessado em janeiro de 2011.

ARANTES, V. A.: **A afetividade no cenário da educação.** In: OLIVEIRA, M. K. de SOUZA, D. T. R., REGO, T. C. (Orgs.): Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.

ARAÚJO, U. F. **Um estudo da relação entre o ambiente cooperativo e o julgamento moral na criança.** 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 5ª edição. São Paulo: Cortez 2001.

COLL, C. **As contribuições da Psicologia para a Educação: Teoria Genética e Aprendizagem Escolar.** In LEITE, L. B. (Org) Piaget e a Escola de Genebra. São Paulo: Editora Cortez, 1992. p. 164-197.

CUNHA, Eugênio: **Afeto e aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica.** RJ: Wak, 2008.

DANTAS, Heloísa. **A infância da razão.** São Paulo: Manole Dois, 1990.

DANTAS, H. **A Afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon.** In:

LA TAILLE, Y. (Org.) Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. p. 75-98.

DOURADO, Ione Collado Pacheco; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **Henri Wallon: psicologia e educação 2004**. Disponível em : < www.anped.br.org.doc > capturado em: janeiro de 2011.

FERNANDEZ,A. **A inteligência Aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

LUCK, Heloísa – CARNEIRO, Dorothy Gomes. **Desenvolvimento afetivo na escola: Promoção, medida e avaliação**. Rio de Janeiro. Vozes Ltda, 1983.

MAGISTRETTI, Franca. **O Mundo Afetivo da Criança**. Rio de Janeiro: Record, 1968.

MANTOAN, Maria Teresa. **Inclusão Escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo. Moderna, 2002.

MARCHAND, Max. **A Afetividade de Educador**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1985.

MIELNIK, Isaac. **O Comportamento Infantil: técnicas e métodos para entender crianças**. 2 ed. São Paulo: Ibrasa, 1982

MIRANDA, G.M. **O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança**. In: LANE, Silva. Social o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MONTEIRO, Maria Therezinha de Lima. Serie Texto Didático: **Cognição e afetividade**. Piaget e Freud. Brasília: Universal, 2003.

PIAGET, Jean: **A representação do Mundo na Criança**: com concurso de onze colaboradores. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2005.

PIERUCCI, Antonio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PULASKI, M.A.S. **Piaget: perfil biográfico**. In, **Compreendendo Piaget: uma introdução ao desenvolvimento da criança**. (?): Zahan Editora, 1980.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. 2000. Disponível em www.josesilveira.com Capturado: Janeiro/2011

RAMIRES, V. R. R. (2003). **Cognição social e teoria do apego: possíveis articulações**. Psicologia, Reflexão e Crítica, 16(2), 403-410.

RAPOSO, Mírian Barbosa T.; MACIEL, Diva Albuquerque. **A formação de professores para o início da escolarização: uma reflexão a partir da abordagem sociocultural construtivista**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 88, n.220, p. 592-620, 2007.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais. Oficina do CES n 135, janeiro de 1999.

SILVA, J. B. C. **Aspectos sócio afetivos do processo de ensino e aprendizagem.** Revista de divulgação científica do ICPG. Vol. 3 n. 11 – jul – dez, 2007.

SILVA, Tomás Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOLER, Reinaldo. **Educação física inclusiva: em busca de uma escola plural/**Reinaldo Soler – Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

SOUZA, M. R. S. **Saúde e vida on-line.** Campinas, SP: Disponível in: <http://www.nib.unicamp.br/svot/artigo53.htm>, 2000. Capturado em 25/03/2011

TERRA, Márcia Regina. **O desenvolvimento humano na teoria de Piaget.** Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicações/textos/d00005.htm> Capturado: Janeiro/2011.

VYGOTSKY, L. S.: **A Formação Social da Mente.** São Paulo. Martins Fontes, 1989.

WALLON,H. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1968.

WALLON, Henri, (1975). **Psicologia e Educação da Infância.** Lisboa: Estampa.

WADSWORTH, Barry. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget.** São Paul Pioneira, 1992.

ANEXO - Entrevistas

Entrevista 1

1 - Hoje é dia 24 de fevereiro de 2011, são quatro horas da tarde, eu estou aqui no apartamento da professora R., que vai participar, agora né, vai nos ajudar na coleta de dados para a monografia, a respeito que tem, o tema né, a importância da afetividade no processo de inclusão escolar. Então eu já gostaria de agradecê-la por né, por nos ajudar neste trabalho. Então é, R., eu preciso que você me fale um pouquinho de você, é o seu nome, a formação, é a escola que você trabalha, o tempo de profissão, a série que você atua e por que você escolheu esta profissão.

R – Meu nome é R. N., eu fiz normal depois fiz graduação em geografia. Aí passei no concurso da secretaria e fui reclassificada para a área de atividades. É... eu comecei a trabalhar na pré-escola, gostei muito e fiz um curso chamado PROEP, que era um curso pra trabalhar especificamente com a educação infantil, gostei muito e não quis mais sair da área de educação infantil e continuei fazendo cursos nesta área. Eu tenho 24 anos de trabalho e se Deus quiser vou me aposentar na educação infantil.

2 – É... pra você o que é inclusão?

R – É... eu acho que é um processo importante tanto para os alunos especiais quanto para os outros. Humm...n o sentido que se quebra o preconceito e as duas partes acabam crescendo é... aprendendo se desenvolvendo, é... aceitando as diferenças sem taxar as pessoas.

3 – Como você acha que o processo de inclusão deveria acontecer nas escolas?

R – Bom, é... eu acho em primeiro lugar que os professores deveriam ser capacitados para isso, e a realidade é... não é essa, é que a grande maioria não sabe como lidar com esses alunos. Acho também que a escola deveria ser preparada, bem estruturada e além dos professores, os servidores, a direção, todos deveriam fazer cursos pra receber e propiciar um bom processo de inclusão, porque eu sempre me questiono: como vamos cobrar das crianças que recebam e aceite um coleguinha especial, se nem a gente sabe como fazer...

4 – Bom, é afetividade é o tema né dessa monografia. O que você entende por afetividade?

R – A afetividade é o principal canal de contato e também o facilitador da aprendizagem. A gente precisa conquistar as crianças para que elas nos dêem retorno ao que propomos. E quando você conquista a criança, ela se sente bem, se sente amparada e se torna afetiva com você também. Então, é... é preciso estar todos os dias mostrando pra cada criança o quanto ela é especial, o quanto ela é inteligente, esperta e eu procuro fazer isso sempre, é... elogiando os meus alunos nos acertos, e também dando a mão, carinho quando eles erram. Ou seja, é.. eu procuro fazer com que se sintam seguros e também amados, não só por mim mas por todos da salinha. Aí é... quando algum falta, eu procuro fazer também com que as outras crianças percebam esta ausência e que no dia seguinte, recebam o colega com abraços e mostrando preocupação mesmo. Acho que isso acaba fazendo com que eles se sintam especiais e percebendo que fazem parte do ambiente e que são queridos.

5 – É... como a afetividade poderia ajudar no processo de inclusão? Como você acha que ela deveria ser trabalhada na escola?

R – Então, é... o professor ele precisa se conscientizar que o seu papel vai além da transmissão de conhecimentos pra que a criança aprenda é.. o ambiente, ele deve estar preparado e o professor precisa estar equilibrado emocionalmente lidando bem com suas emoções, não só com as suas emoções, mas também com as emoções dos alunos. Na inclusão é , isso é fundamental, porque em um ambiente emocionalmente equilibrado, o aluno especial vai na minha opinião é... ser integrado com mais facilidade. É... o ambiente, o clima de estabilidade, fazem com que todo o processo ele seja realizado de forma bem tranqüila. E eu volto a insistir na questão da formação, que todos nós professores, precisamos fazer cursos, reciclar, pra que as crianças não sintam em nós, o desespero é.. ao lidar com algum caso diferente, quanto mais preparados, mais equilibrados estamos.

6 – Onde você aprendeu isso tudo né, o que você leu pra ter toda essa base?

R – O que eu mais li e me impressionou foram textos de Vygotsky, tudo que ele coloca sobre a afetividade, é muito importante pra mim. Além dele, é... Wallon e a minha experiência no dia a dia me fizeram chegar a essas conclusões.

7 – Qual a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, pra você?

R – A afetividade é... estimula o desenvolvimento da criança. Isso pra mim é fato. A criança fica mais aberta é..., entusiasmada e certamente aprende muito mais. Se a criança é.. vê o professor como amigo, ela tem mais confiança, respeito, ela se sente à vontade para aprender.

8 – É... como a sua escola trabalha a inclusão? Por que, por que faz assim, o que você acha que tem dado certo? O que ainda falta?

R – No começo do ano, nós recebemos a lista dos alunos especiais, a secretaria nos passa e então de acordo com a pontuação, o professor escolhe sua turma. É... geralmente a professora que sente que tem mais perfil, ela escolhe as turmas inclusivas, e faz um trabalho e esse trabalho é um trabalho de parceria com a professora da sala de recursos. É... a professora da sala de recursos, aqui da minha escola, ajuda bastante, ela possui alguns anos já de experiência nessa área, e ela sempre dá muitas dicas de como trabalhar com cada aluno. Por exemplo, é...este ano é... um dos nossos alunos especiais que está no primeiro período do vespertino, o nome dele é P., ele é cadeirante, e tem também hidrocefalia. Então a M. C. que é a professora da sala de recursos conversou juntamente com a professora da turma, também com a família e passou as informações. E essas informações foram passadas não só pra direção, como também para todos os outros professores e os funcionários da escola. Eu acho que tem dado muito certo, a escola está bem unida, e acho que tem sido um trabalho muito bom.

9 – Como é.. tem sido a sua participação no no processo de inclusão na escola? Quais são as atitudes tomadas por você, para a recepção dos alunos portadores de necessidades especiais? Por que que você faz assim? O que você acha que ainda falta?

R – Então, procuro pesquisar, é.. saber tudo a respeito dos meus alunos e na medida do possível dos outros alunos da escola também. Eu faço assim porque... se não conhecer bem o meu aluno, não terei possibilidades de dar um bom atendimento a eles. É... procuro também observar, é... o comportamento no dia – a – dia e a interação com as outras crianças. É... eu procuro trabalhar com filmes, com histórias, para que todos compreendam, que as diferenças, elas... existem, que cada um tem seu jeito e que algumas pessoas, são um pouco mais diferentes, mas que são tão especiais como as outras, e que tem direito a uma vida legal, a

brincar, a amar e ser amado. Eu acho também que a EAPE é.. em parceria com a secretaria de educação é... deveriam abrir mais vagas em cursos de ensino especial pra que mais professores possam participar. Nesses cursos é..., nós temos além da teoria aprendida, temos também as trocas de experiências e essas trocas, elas acabam nos ensinando muito.

10 – É... de que forma você tem trabalho a afetividade em suas aulas? Por que que você faz assim? Dê exemplos.

R – Hã, eu gosto muito de carinho, então eu não tenho dificuldade em abraçar em conversar em elogiar meus alunos. Eu digo a eles todos os dias, o quanto são importantes, para a família deles e para a escola também. É... nós sempre fazemos rodinha, e conversamos sobre como estamos nos sentindo e porquê estamos assim. Esses dias a A. C. que uma aluna minha, disse que estava muito triste porque a mãe tinha batido nela, achei bonitinho que a reação dos mais próximos a ela no momento da rodinha, foi de falar : Oh, não fica assim é ... e a abraçaram, em seguida todos também foram abraçá-la. Quando eles se sentaram e eu conversei a respeito né das punições, disse que quando os pais dão algum tipo de castigo, é que na verdade eles fizeram algo de errado, mas que os pais continuam amando muito eles. Foi bem legal, porque ela falou que tinha empurrado o irmãozinho mais novo e que sabia realmente que estava errada. Um outro.. é o J. V. que tem síndrome de down, é... estão acontecendo coisas bem interessantes, no primeiro dia de aula ele chorou muito, aí rolou no chão, não queria ficar na escola, e as crianças ficaram um pouco assustadas, e era o meu primeiro contato com todos eles. Então quando ele resolveu né, ficar mais tranquilo, quando ele se acalmou, eu fiz a rodinha com as crianças e tive que ficar com ele no colo porque qualquer porta que ele visse aberta ele corria e as crianças perceberam que ele era diferente e me fizeram várias perguntas: por que ele não falava? é.. a fala do J. é ... ainda não está bem definida, bem desenvolvida, e eles também perguntaram porque ele não ficava quieto, um perguntou se ele era neném e nós fomos conversando. Eu disse que ele era um pouquinho diferente deles mas que se eles ajudassem, ele ia aprender tudo e que ia aprender a cumprir as regrinhas também. Mas que na verdade eles precisavam me ajudar, e o legal foi que nesse mesmo dia, os meninos começaram a ficar de olho nas portas, para que o J. não saísse e pegavam na mãozinha dele, sentavam, quando ele saía do lugar, eles estavam sempre de olho no J.. Então, isso eu achei bem interessante. É... estamos com uma semana e meia de aula e acho que está tudo correndo

bem... Estou feliz, é... no parquinho todas as crianças, é os alunos da minha sala, querem brincar com ele ainda temos muito a adaptar, mas acho que estamos indo no caminho certo.

Bom,então chegamos ao final da da nossa entrevista. Muito obrigada R. pela sua participação, com certeza o que você colocou aqui vai ajudar bastante nessa nossa coleta de dados e no resultado da monografia. Muito obrigada!

R: de nada, disponha

Entrevista 2

1 – Bom, primeiro eu quero saber sobre a sua formação, a faculdade que você se formou.

R – Bom, eu me formei na faculdade JK, o ano exatamente assim eu não me lembro, aí foi de... pra séries iniciais mesmo né que eu fiz o curso.

2 – Qual o curso que você fez?

R – Eu fiz pedagogia nas séries iniciais. Aí depois eu fiz pós graduação no ensino especial e educação infantil que é a área que eu mais gosto, já tem 11 anos que eu estou na educação infantil e eu sou apaixonada.

3 – Qual a escola que você trabalha?

R – Eu atualmente estou no j..., com uma turma de classe especial de 2 alunos, onde eles são portadores de da TGD – Transtorno Global do Desenvolvimento, são crianças assim... é uma realidade diferente né com essas crianças mas assim que eles surpreendem muito, acho que a cada minuto você tem assim.. surpresas assim de, eles te colocam em uma situação de desafio e que você tem que se virar pra resolver aquela situação mas é muito gratificante.

4 – E tem quanto tempo de profissão?

R – Tenho 13 anos.

5 – E, você já trabalhou com turmas inclusivas? Que tivessem alunos especiais?

R – Sim... aqui na educação infantil que eu trabalhei com turmas inclusivas, com crianças com síndrome de down, e assim muito legal também o trabalho com eles, é diferente do autista né, mas muito bom mesmo.

6 – Por que que você escolheu esta profissão?

R - Bom a princípio foi muito assim, pelo interferência do meu marido... Eu queria mesmo era fazer, fazer... ser contadora né, mas daí porque ele era contador aí a gente vai trabalhar junto, vai ficar juntinho, aí ele falou assim, não de jeito nenhum professora é muito bom, qualquer lugar que você for você vai ter teu trabalho, em todo lugar precisa de professor, aí olha minha vida foi um desafio assim, eu comecei quando eu casei com meu esposo claro né... eu tinha a quarta série, quarta série primário, eu tinha 21 anos e a quarta série, daí minha filha eu vim para Brasília, casada sem conhecer nada, mas ele me deu uma força assim... eu fiz supletivo de quinta a oitava em um ano e meio no C. na L2 Sul, nossa foi legal demais, terminei aí fiz aquele na época tinha um teste de seleção na escola normal, aí fui fazer esse teste passei, fiz 3 anos de escola normal período integral, também não tinha filhos ainda, aí de lá quando eu terminei já surgiu o concurso da secretaria de educação eu fiz, e passei também e já fui chamada logo junto com os primeiros, depois surgiu a oportunidade da faculdade eu fiz também, esperando meus filhos crescerem depois...

7 – Qual é o seu conceito de inclusão? O que é inclusão pra você?

R - Bom, pra mim, eu acho assim inclusão é algo assim primordial pra essas crianças porque é um momento onde ele tem oportunidade de conviver, né de ser aceito pela sociedade, pela comunidade escolar de um modo geral, porque a princípio eles é relegado no centro de...e é necessário os centros também, tu sabe que é necessário mas eles quando são inclusos, ganham muito tanto eles quanto as crianças que convivem com eles. Os dois lados ganham, mas as crianças que convivem com os especiais eles aprendem muito e... essa parte da discriminação, isso por parte das crianças quase não acontece... é muito assim as vezes por parte da família então é muito bom as crianças conviverem com essas diferenças.

8 – Como é que você acha que a inclusão deveria... como é que deveria ser o processo de inclusão nas escolas assim pra ser realmente eficaz?

R – Começa pelo preparo né, do professor. É quando a gente não está preparado, as vezes a gente sem querer você já tem um certo bloqueio assim uma certa resistência isso eu acho que é natural do ser humano quando se dá com o desconhecido com algo assim que você não sabe como lidar, você tem uma certa rejeição. E a partir do momento que você tem o conhecimento isso se torna muito mais fácil. Um exemplo disso foi comigo, a princípio eu estava assim muito receosa com relação a essa turma que eu estou atuando com ela, porque eu não conhecia muito do assunto, mas aí eu fui lendo muito, fui vendo, fui tendo outras informações hoje assim eu me sinto mais tranqüila, então a partir do momento que a gente tem a informação, que o professor, o profissional da educação tem essas informações com o que ele está trabalhando então ele fica muito mais tranqüilo essa inclusão. Porque o professor tando tranqüilo ele consegue envolver a turma, consegue envolver as pessoas que trabalham, os funcionários, as famílias, então dá pra fazer um trabalho muito legal.

9 – Você falou assim de leituras né, você lembra que autores foi que você leu?

R – Assim autores específicos, eu não li nenhum, eu li assim matérias fornecidos assim pela secretaria de educação, criados por professores da secretaria de educação e que hoje você nem acha esses materiais mais pra, foi professores que me emprestaram e as fontes mesmo assim as maiores fontes que eu pesquisei foi a internet, vídeos, palestras é até monografias sobre o ensino especial entendeu, só essas coisas... mas assim via internet.

10 – É... O que você entende por afetividade? O que é a afetividade pra você?

R – Bom, pra mim eu acho que é uma troca de carinho, de respeito, de aluno professor, professor aluno, e isso a gente adquire assim no convívio, no trabalho que a gente faz, porque quando a partir do momento que você se prepara pra estar na sala de aula, você se organiza e você vai segura do que você vai fazer, isso fica muito mais fácil, então você tem tempo de dar carinho para o seu aluno, ele percebe que você tá seguro, então ele confia mais em você, e essa confiança gera essa afetividade, esse amor, que muitas crianças hoje vê você na rua foram alunos sua há muitos anos e tem o maior respeito com você porque você fez um

trabalho bem feito e ele percebeu que você era uma professora organizada, que você estudou pra estar com ele ali, e ele percebia tudo isso, a criança faz uma leitura do ambiente, uma leitura facial impressionante das pessoas, e ele percebe quando o professor está tranqüilo em sala de aula aí ele cria esse vínculo de afetividade naturalmente, as coisas vão acontecendo...

11 – Você, acha que... como que a afetividade ela poderia ajudar neste processo de inclusão?

R – Ah, eu acho que se não tem afetividade, fica quase impossível de você fazer um trabalho. A princípio por exemplo contando pela questão da turmas de TDG, desculpa TGD que eu to trabalhando, a primeira coisa que se tem que ter de adquirir é essa afetividade porque se ele não tem vínculo, não cria vínculo com o professor, ele te rejeita o tempo inteiro, e tendo rejeição claro, você não vai conseguir trabalhar, e isso acontece não é só com turmas de classe especial, acontece também, com as crianças do ensino regular, ditas normais né acontece em todos os sentidos tem que ter afetividade, tem que ter carinho, porque a partir do momento que você demonstra isso é recíproco por parte da criança e aí tudo flui...

12 – Você lembra de algum caso, de algum aluno, especial ou não, que a afetividade fez a diferença ali no crescimento, no desenvolvimento dessa criança, que a criança chegou de uma forma na sala e de repente ela se modificou por conta desse processo afetivo?

R – Sim, eu tive um aluno que ele batia muito, mas batia sem dó e piedade nos coleguinhas, ia para o parquinho, ele enchia o pratinho assim de areia e brincava de torta na cara, acho que ele via isso na televisão e jogava no coleguinha, sem dó e assim ele ficou um período na escola mas não foi feito nenhum diagnóstico porque a família também resistia muito, não ajudava, mas assim o trabalho que foi feito na escola, foi muito bom pra essa criança, nessa época tinha os psicólogos na escola então eles davam assim orientações de como estar lidando com essa criança, então foi muito bom, ele batia, quando ele batia o coleguinha ao invés de... depois que passava aquele período de raiva ia lá falava com ele passava a mão nele, ensinava como que deveria tratar, não você não pode bater, tem que fazer carinho, e as vezes ele tinha resistência até que fosse tocado a criança pegava o professor ajudava ele tocava na criança e falava pra ele que aquilo machucava... e com esse trabalho da criança e o professor, ele foi se desenvolvendo foi se modificando, as vezes ele pegava o pratinho de areia pra jogar no rosto do colega ele soltava no chão e passava a mão sinal de carinho, ou seja ele entendeu né que a questão do carinho era mais importante do que bater, então ele saiu daqui uma criança muito melhor, foi para a escola classe, e depois a gente teve notícia que ele estava bem, mas aí ele já

estava tendo um outro acompanhamento que a família procurou depois de muita conversa, porque a princípio eles tinham muita resistência, então essa coisa da gente orientar, são coisas simples, dar carinho, passar a mão no coleguinha, fazer carinho, não bater, mostrar esse lado prático mesmo, e eles entendem.

13 – Então o comportamento dele se transformou...

R – Mudou muito, muito, muito mesmo e assim, o que acontecia no começo do ano pode-se dizer que 95% ao final do ano já não acontecia mais...ele mudou muito...

14 – Então vocês fizeram um trabalho assim de interação mesmo dele com a turma...

R – Isso porque ele a princípio, era uma criança assim muito, assim se comparando com um animalzinho, agressivo, no canto dele, não gostava de contato, assim ficava muito na dele, no momento que ele se aproximava dos colegas, não era pra brincar, ele ia lá bater, então o tempo todo foi assim, e isso judiava, a gente teve problemas seriíssimos com os pais das outras crianças, porque todo dia tinha uma criança machucada, mas a gente não podia tirar ele sempre do parquinho, então a gente procurou integrar ele fez com que ele participasse de todas as brincadeiras mas assim, mostrando pra ele o outro lado, batia aí mostrava o lado que não é assim, é carinho, faz carinho, essas coisas assim do dia a dia então no final do ano ele aprendeu que não era batendo, era fazendo carinho, era dividindo os brinquedos, quando ele brigava por causa de um brinquedo, aí a gente fazia um exemplo com outra criança, a criança demonstrava como é que se podia brincar que se podia dividir, aí ele foi observando isso e no final do ano, ele estava diferente.

15 – E em relação ao processo de ensino aprendizagem você acha que a afetividade influencia? Que é importante?

R – Muito... porque é tudo isso que eu falei, tudo que você faz com amor a criança recebe muito bem. Agora, numa sala de aula, num ambiente escolar, ou mesmo familiar onde tem muita dificuldade, muitos xingamentos, assim o desrespeito pelo outro isso cria uma rejeição isso cria uma situação difícil de se conviver então aí praticamente não há crescimento.

16 – Como a sua escola trabalha a inclusão?

R – Bom aqui, a gente trabalha de uma forma muito tranqüila, porque já faz muitos anos que essa escola, nossa escola aqui é inclusiva daí a gente tem procurado inserir essas crianças na comunidade de um modo geral, nas primeira reuniões que acontecem no ano os pais já sabem, assim já tem que tomar conhecimento que é uma escola inclusiva que seus filhos vão conviver com crianças portadoras de necessidades especiais e a gente fala do comportamento de muitas delas como que acontece, mas fala também da interação do professor, da forma como o professor está intermediando nessa situação pra ta resolvendo essas situações, fala da importância desse convívio entre crianças normais e crianças especiais, fala do ganho que essas crianças terão, então as famílias aceitam muito bem e assim os funcionários também já estão acostumados porque já faz alguns anos, a maioria já são antigos aqui já faz alguns anos que a escola faz esse trabalho então é super tranqüilo.

17 – Você acha que tem dado certo então?

R – Tem, dado muito certo a gente nunca teve rejeição assim por parte de pais, todo mundo tem aceitado muito bem, assim a princípio, quando começa a machucar, a criança a ser machucada pela criança que é inclusa, porque as vezes ele tem ainda um comportamento agressivo, porque está se integrando, mas assim com o passar do tempo eles vão entendendo que é um processo e que a criança vai superar isso e que tudo vai resolver.

18 – Quais são as atitudes tomadas agora assim exclusivamente por você para a recepção dos alunos portadores de necessidades especiais?

R- A princípio eu demonstro muita alegria, quando eu vou receber todos os dias, quando eles chegam, agora esse ano né com as crianças e todos os anos, a gente demonstra muita afetividade, muita alegria por eles estarem no ambiente escolar e aí eles se sentem muito bem, muito acolhidos e esse acolhimento, ele aceita e vê que é um ambiente legal, que ele vai ficar tranqüilo, e assim a princípio não tenho muita dificuldade na recepção deles não justamente por este acolhimento, por esta afetividade que o professor demonstra.

19 – Tá, então você procura receber com alegria, e tornar o ambiente tranqüilo....

R – O melhor possível, o mais agradável possível, assim procurando fazer tudo que tem que ser feito né pro crescimento do aluno mas sem perder esse lado da ludicidade que a criança

adora, se ele ta num ambiente que ele pode brincar que ele pode fazer coisas legais mas que ele está aprendendo também, claro que ele está se sentindo bem ali desde que o ambiente esteja tranquilo, agradável pra ele. E é possível o que a gente faz, principalmente na educação infantil, onde a gente proporciona muitos desses momentos de alegria de ludicidade, e sem perder de vista a parte cognitiva também.

20 – Você é uma professora muito criativa né, eu já percebi isso, eu queria saber assim como é que, onde você aprendeu isso tudo, tudo que você desenvolve o que você pesquisa?

R – Ah, eu observo tudo, vocês aprendem também, aprendo com os colegas no dia a dia. Eu lembro que quando eu entrei pra secretaria de educação eu apanhava demais até pra montar os murais dos meus alunos, quando eu entrei eu fui para uma escola do Recanto das Emas onde eu sofria, as vezes eu passava uma tarde inteira da coordenação tentando montar o meu mural, então pra mim era um desafio muito grande, mas aí com o passar do tempo você vai aprendendo você vai fazendo cursos, e assim eu acho que eu tenho muito esse lado da criatividade aflorada, assim modéstia a parte né eu me acho, as vezes eu penso assim, entra um ano, sai aquele ano, começa outro e a gente sempre com murais diferentes com coisas diferentes assim, repetir eu acho que nunca aconteceu de estar repetindo, gente de onde vem tanta criatividade né? Aí você vê o outro colega fazendo coisas diferentes, aí eu falei meu Deus a gente tem um poder criativo muito grande o ser humano. E a gente aprende com os colegas, com as pessoas...

21 – E pra finalizar, de que forma você trabalhar a afetividade em suas aulas? Assim... dê exemplos...

R – Ah, aquilo que eu já te falei, a princípio com sempre bom humor, muito carinho, muita paciência porque tem crianças que tem muita resistência pra alguns trabalhos assim, a princípio ele não gosta, aí você tem que procurar outras formas de ta agradando ele naquele momento aí de repente ele observa o colega que fez aquele trabalhinho que ele teve rejeição que achou legal, que foi bonito num outro momento que você propõe aquela atividade, ele faz sem nenhuma dificuldade então aos pouquinhos você vai conseguindo levar a criança para o seu objetivo e sempre sem perder de vista o carinho, a atenção o respeito, essa coisa do não gritar, do não de evitar falar alto sempre com tranquilidade porque quando você tem um ambiente tranquilo, sem muito barulho, sem muita agitação a criança se mantém tranquila e

ele vê que o ambiente é gostoso, que ele está sendo amado, está sendo querido ali e aí as coisas acontecem.

22 – Só mais uma perguntinha, você acha que na sua escola, os professores trabalham bem a questão da afetividade ?

R – Bom eu acho que a maioria sim. Claro que tudo existe exceção a gente sabe que cada um é cada um, a gente sabe disso, mas assim o que eu percebo o que eu observo é que existe sim a maioria trabalha a afetividade mas assim eu não posso também generalizar e dizer que é 100% porque a gente sabe que não é né. Cada pessoa tem o seu estilo, tem o seu jeito de agir tem o seu jeito as vezes explosivo que não consegue controlar muito isso e a criança acaba percebendo isso, isso é natural. Mas a gente, eu acho que na maioria sim.

Ah, então obrigada Marlene.